



POLÍTICA OPERÁRIA

A Câmara de Deputados deformou o projeto original do fim da escala 6X1 O governo Lula se submeteu às negociatas ditadas pelos empresários e seus partidos no Congresso Nacional

A PEC do fim da escala 6x1 com redução da jornada de trabalho foi aprovada na Câmara dos Deputados no dia 27 de maio. A PEC prevê escala de 5 dias de trabalho com dois dias de descanso remunerado e a redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais. O presidente do Senado, Davi Alcolumbre, engavetou a proposta aprovada na Câmara. Encaminhou a PEC 12/2026 de autoria de Rogério Marinho do PL-RN, que ataca ainda mais os direitos dos trabalhadores ao defender que os assalariados sejam pagos pelas horas trabalhadas. A PEC abre margem ainda para que os patrões definam as jornadas, realizando acordos individuais. Procura-se, assim, acabar com as convenções coletivas.

O problema é que as direções sindicais e populares que apoiam o governo

mantêm a política de subordinação do movimento às manobras parlamentares no Congresso Nacional, que expressa única e exclusivamente os interesses dos capitalistas.

Nenhuma ilusão no Parlamento burguês! Confiar apenas em nosso método próprio de luta, que é a greve, a ação direta!

Desde o início do movimento pelo fim da escala 6x1, ficou visível que os partidos e as direções sindicais o assumiram com objetivos eleitorais. Sabiam que essa reivindicação tinha apoio dos trabalhadores e, em particular, da juventude oprimida.

A burocracia sindical declara apoio à proposta somente em palavras. Li-

mita-se a realizar atos eleitoreiros, participando apenas os dirigentes sindicais. Ao contrário do que pregam os dirigentes, a classe operária não deve ter nenhuma ilusão do parlamento burguês.

É fundamental ligar a luta pelo fim da escala 6X1 ao combate pelo salário mínimo vital e emprego a todos

A extensa jornada e os baixos salários atingem a maior parte da força de trabalho. Em setores como o comércio e os serviços, principalmente, os trabalhadores padecem da superexploração. Realizam trabalhos exaustivos e, em grande parte, sobrevivem com um salário mínimo miserável, que mal cobre a cesta básica. Mais de 40% dos trabalhadores estão na

informalidade, trabalhando como autônomos, sem nenhum direito trabalhista.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem que as centrais e sindicatos convoquem um Dia Nacional de Lula, com paralisações e manifestações de rua, como preparação da greve geral; que liguem a luta pelo fim da escala 6x1 à luta pelo salário mínimo vital, suficiente para a família trabalhadora sobreviver, e à defesa do emprego para todos, aplicando a escala móvel das horas de trabalho, que significa a divisão das horas necessárias para produzir nacionalmente entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho. Será na luta por essas reivindicações que a classe operária e os demais explorados defenderão os empregos, salários e sua saúde, objetivando colocar fim ao sistema de exploração capitalista.

Burocracia sindical dos metalúrgicos do ABC defende os interesses das multinacionais frente à guerra comercial

A direção da Volkswagen organizou entre os dias 9 e 11 de junho, em Wolfsburg, Alemanha, uma reunião com os dirigentes sindicais dos países onde possuem fábricas, para apresentar seu planejamento estratégico para os próximos cinco anos. O presidente do Sindicato Metalúrgico do ABC, Wellington Damasceno, participou do encontro e informou que um dos temas centrais foi o avanço das marcas asiáticas. Em seguida, declarou: “existe uma preocupação real com a alta capacidade de produção da China, que mantém uma superprodução interna e exporta esse excedente, pressionando os mercados externos”.

Wellington concluiu: “não somos contra a concorrência, mas defendemos a fabricação local”. Como pode-se ver, o burocrata Wellington fala como se fosse membro da direção da multinacional.

A burocracia sindical abandonou totalmente a defesa das reivindicações da classe operária e passou a defender os interesses da multinacional alemã, diante da guerra comercial com as montadoras chinesas e asiáticas. Há muito tempo, a Volks e demais montadoras levam a pelejada da direção do Sindicato Metalúrgico do ABC para suas matrizes e lá apresentam todos os seus planos de reestruturação

Participe do

ENCONTRO OPERÁRIO

25/7 • 17h
Presencial

Entre em contato: (11) 95446-2020
@massas.por

Nossa objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos!



Continua no verso ►

produtiva, que têm como objetivo reduzir seus custos através dos acordos de demissão, terceirização, redução de salários e direitos dos trabalhadores.

As multinacionais, sejam alemãs, americanas ou chinesas instaladas no Brasil, têm o mesmo objetivo: superexplorar a força de trabalho para aumentar seus lucros. O papel da direção do sindicato é o de organizar a luta independente da classe operária, que é internacional, para defender o

programa próprio de reivindicações e colocar fim à exploração capitalista.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a rejeitarem os acordos patronais e defender por meio da ação direta a bandeira da redução da jornada de trabalho, sem redução salarial; a lutarem por um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter a família trabalhadora; pela efetivação dos trabalhadores terceirizados e o fim da terceirização.

É necessário combater o fechamento de fábricas com a greve, com a ocupação das fábricas e com o controle operário da produção. A tarefa colocada é a de construir as comissões de fábrica de luta, classistas e revolucionárias, para expulsar a burocracia sindical traidora e resgatar o sindicato como instrumento de luta, a serviço da estratégia da revolução e ditadura do proletariado.

Petrobras lucra R\$ 32,7 bilhões no primeiro trimestre de 2026 com a superexploração dos trabalhadores terceirizados

Ao escrever essa nota, cerca de 5 mil trabalhadores terceirizados do complexo de energia Boa Ventura, em Itaboraí (RJ), aprovaram a greve exigindo aumento real de 8% e o pagamento de adicional de periculosidade. Ao mesmo tempo em que se avança com a terceirização e se mantém a privatização das refinarias e distribuidoras, feitas pelo governo Bolsonaro e anteriores, a direção da Petrobrás, nomeada pelo governo de Lula, informou que nos primeiros três meses de 2026 se obteve lucro de R\$ 32,7 bilhões e que se repassou R\$ 9 bilhões em dividendos aos acionistas privados e públicos.

Diante da greve dos trabalhadores terceirizados, a direção do Sindipetro-RJ, que representa os trabalhadores efetivos, divulgou uma nota cobrando da gestão da Petrobrás que haja teletrabalho integral para os trabalhadores efetivos enquanto perdurar a greve. Ou seja, a direção

pelega, em vez de aprovar a greve dos trabalhadores efetivos, para unificar e fortalecer a luta dos terceirizados, cumpre o papel de fura-greve, ao pedir que a Petrobrás garanta condições de trabalho para os efetivos.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a exigirem que a direção do sindicato convoque uma assembleia geral com todos os trabalhadores, efetivos e terceirizados e aprove a greve unificada, para impor às empresas terceirizadas e à direção da Petrobrás suas reivindicações. Defender a efetivação de todos os trabalhadores terceirizados e um salário mínimo vital. Que os sindicatos e centrais convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisação da produção e manifestações de rua, como preparação da greve geral, para lutar pela reestatização das refinarias e do sistema de distribuição e postos da Petrobrás que foram privatizados, sem indenização e sob o controle operário.

Formação Política do Nossa Classe

O que é o Estado?

Para Karl Marx, o Estado não é um mediador neutro que busca o bem comum. Ele é controlado pela burguesia (patrões), dona dos meios de produção, para manter a dominação e a exploração da classe operária e demais oprimidos. No capitalismo, o Estado atua como um "comitê de negócios" da burguesia e para garantir a propriedade privada.

Existem várias frações da burguesia. O agro-negócio, a burguesia industrial, banqueiros e comerciantes. Essas frações da burguesia criaram seus partidos e elegem seus

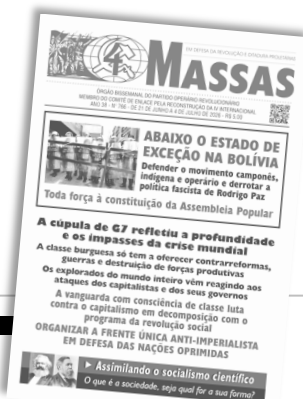
representantes, para no Parlamento defender seus interesses. Isso explica por que as contrarreformas trabalhista, previdenciária e a lei da terceirização, aprovadas no Congresso, são para retirar direitos dos trabalhadores e beneficiar os patrões.

As eleições são a forma que a burguesia utiliza para eleger aqueles que irão administrar seu Estado e garantir a defesa da propriedade privada. Nenhum dos candidatos que se dizem "socialistas" defende a destruição do Estado burguês e o fim da propriedade privada. Todos os

partidos da ultradireita, direita e ditos de esquerda que estão em campanha eleitoral terão de administrar o Estado burguês e manter a exploração da maioria explorada, e estão cientes disso. Está aí por que a classe operária e demais explorados não podem ter nenhuma ilusão nas eleições, nem no parlamento burguês.

A tarefa colocada é a de construir nosso próprio partido, operário revolucionário, que tem como estratégia a destruição do Estado burguês e de suas instituições por meio de uma revolução social,

e a constituição de um governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado. Colocar fim ao sistema de exploração capitalista, à propriedade privada e construir uma sociedade socialista.



Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!**